



As
Flechas
de **São**
Sebastião

HISTÓRIA DA CHAROLA DE SÃO SEBASTIÃO DE
JACU E ALTO PAULISTA - CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM - ES

Genildo Coelho Hautequestt Filho
Luan Faitanin Volpato
Rosângela Venturi Barros



As
Flechas
de **São
Sebastião**

HISTÓRIA DA CHAROLA DE SÃO SEBASTIÃO DE
JACU E ALTO PAULISTA - CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM - ES

Genildo Coelho Hautequestt Filho
Luan Faitanin Volpato
Rosângela Venturi Barros



As Flechas de São Sebastião

HISTÓRIA DA CHAROLA DE SÃO SEBASTIÃO DE JACU-FALTO PAULISTA - CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM - ES

FICHA TÉCNICA

Texto e Revisão

Rosângela Venturi Barros

Fotografias

Luan Faitanin Volpato

Projeto Gráfico e Diagramação

Luan Faitanin Volpato

Coordenação Técnica e Pesquisa

Genildo Coelho Hautequestt Filho

Capa

Imagem da capa:

Obra "San Sebastiano", de Guido Reni

Aspectos:

Luan Faitanin Volpato

Realização

Associação de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial Cachoeirense

Impressão e Acabamento

Gráfica Forma Certa

© 2022 Todos os direitos reservados.



PREFEITURA DE CACHOEIRO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hautequestt Filho, Genildo Coelho
As flechas São Sebastião : história da charola de São Sebastião de Jacu e Alto Paulista : Cachoeiro de Itapemirim - ES / Genildo Coelho Hautequestt Filho, Luan Faitanin Volpato, Rosângela Venturi Barros. -- Vitória, ES : Editora Milfontes, 2022.

Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-5389-024-4

1. Cultura popular - Cachoeiro de Itapemirim (ES) 2. Fé 3. Festa de São Sebastião - Cachoeiro de Itapemirim (ES) - História 4. Folclore 5. Patrimônio imaterial. 6. Sebastião, Santo, século III I. Volpato, Luan Faitanin. II. Barros, Rosângela Venturi. III. Título.

22-119971

CDD-261

Índices para catálogo sistemático:

1. Cultura popular : Aspectos religiosos : Cristianismo 261

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

PREFÁCIO

Corta o ar a flecha do Caboclo. Sua flecha, a palavra. Sua saga, o dizer. Nem toda palavra é flecha. Nem todo dizer é saga. Raras são aquelas e aqueles que diante do sagrado tiveram a honra de estar e de lá, do lugar onde adormecidas estão as coisas simples, as coisas sagradas, disparam suas flechas: as palavras ditas pelos Caboclos.

Uma Mestra ou um Mestre quando falam, disparam flechas-palavras e estas quando entoadas em canto e evocadas pelas guardiãs e pelos guardiões das coisas simples e de mais elevado sabor sagrado, percorrem sua saga para trazer à presença o que repousa no silêncio do não dito. O dizer da Gente que cuida do sagrado por toda a sua saga nesta vida terrena é o que nos conduz para aquilo que de mais sagrado temos: nossa humanidade.

O sagrado que se manifesta nas coisas simples e faz brilhar o cotidiano é o dizer da Charola de São Sebastião que temos a honra de ouvir e ver nesta importante obra que vem ao mundo pelas talentosas mãos dos queridos amigos Genildo, Luan e Rosângela. Obra que apresenta a única Charola em atividade no Espírito Santo e é registro fundamental, pois desvela parte da extraordinária diversidade capixaba. Diversidade de modos de vida, sobretudo.

Em tempos de tentativa de instituição de uma certa sacropolítica que ataca violentamente modos de vida que lidam com o sagrado de forma considerada divergente, a Charola com seu dizer simples, dizer sagrado, as flechas-palavras do Caboclo, celebra o amor, a paz, o acolhimento, a solidariedade, a convivência, o viver junto, o respeito aos mais diversos modos de vida, enfim, celebra a sagrada humanidade.

A querida e inspiradora família Quirino é guardiã da Charola de São Sebastião, Gente forte que arranca a vida com a mão e muito nos ensina acerca da celebração da vida em harmonia e em comunhão. Gente de sabedoria que transborda em doação. Seu Izaías, seu Adílio, dona Erotildes, João Batista, João Pereira, Geziel, Valter, Pâmela, Emily, Alexandre, Francisco, José e Rufino, gente espelho das estrelas, amigas e amigos com os quais tenho a honra de conviver e a honra de ver o sagrado se manifestar em canto no dizer da Charola de São Sebastião.

Viva o Caboclo Flecheiro! Viva São Sebastião!

Herivaldo Plotegher

Gerente do Sistema Estadual de Cultura da Secretaria da Cultura do Governo do Estado do Espírito Santo

Genildo Coelho Hautequestt Filho



Foto: Luan Volpato

“Acompanho a Charola e a família Quirino há mais de 20 anos. O que mais me impressiona neles é o compromisso e a devoção ao ‘Mártir São Sebastião’. São homens e mulheres de muita fé, um exemplo em um mundo inundado por tantos sentimentos e atitudes ruins.

Nos últimos anos, noto que está cada vez mais difícil manter viva essa fé e esse compromisso, em especial pelas tentativas de apagamento engendradas por ‘novas’ religiosidades e também pelo Estado Brasileiro.

Fazer este registro escrito é um ato de resistência. Resistimos deixando este legado para que as futuras gerações possam conhecer um pouco mais a história de seus antepassados.”

Genildo Coelho Hautequestt Filho nasceu em Cachoeiro de Itapemirim – ES, é Arquiteto e Urbanista pela Universidade de Alfenas, especialista em Arquitetura e Ambiente Urbano pela mesma universidade, Mestre em Artes pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES e Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal Fluminense.

Além de exercer a docência do ensino superior no Centro Universitário Multivix, em Vitória, atua como arquiteto restaurador em diversas obras no Espírito Santo.

É membro fundador da Associação de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial Cachoeirense desde o ano de 2001 e possui forte atuação como produtor cultural em projetos desse segmento, como documentários, livros, oficinas de transmissão de saberes, eventos culturais etc.

Luan Faitanin Volpato



Foto: Lucas Julio da Silva

“Durante a missão de acompanhar – câmera em mãos – a Charola capixaba em suas peregrinações, orações e festividades devocionais, para mim ficou claro (e espero que também a quem observe as fotografias deste livro) que todas as etapas cumpridas pelo grupo são de significativa profundidade para seus componentes. Trata-se de uma missão que eles acolheram e que dela se nutrem, para que sua tradição não se esmoreça ante novos tempos.

Valorizemos e apoiemos a continuidade de sua atuação, pois assim contribuimos para garantir muitas outras boas histórias a serem vividas, lembradas e registradas.”

Luan Faitanin Volpato nasceu em Cachoeiro de Itapemirim – ES, é bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda e pós-graduado em Artes Visuais: Cultura e Criação. Atua como fotógrafo e designer gráfico.

Desde 2012 (quando esteve pela primeira vez na tradicional festa do Raiar da Liberdade, em Monte Alegre), é responsável por fotografar diversos folguedos dos grupos da Associação de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial Cachoeirense e compor um extenso banco de imagens da entidade.

Suas fotografias já integraram diversos projetos da Associação – como os livros *Fésta: fé e festa* (seu primeiro livro autoral), *Todas as faces de Maria*, *No tempo da onça* e *Palavra de Mestre* –, além de exposições fotográficas no Brasil e no exterior, como *Todas as faces de Maria*, *I Salão de Arte Fotográfica de Cachoeiro de Itapemirim*, *Salão de Artes Levino Fanzeres e Rua*.

Rosângela Venturi Barros



Foto: Marcia Leal

“A publicação deste livro promove a valorização do saber construído pelos mestres e contribui para a promoção de ações de disseminação desse conhecimento entre as novas gerações, assegurando a perenização de um saber que vem sendo transmitido pela oralidade.

Trata-se do único grupo do gênero em atividade em todo o Espírito Santo, daí a importância do registro.

Espera-se que possa contribuir para ampliar o reconhecimento da Charola e assegurar que o saber dos mestres não se perca no tempo e no esquecimento.”

Rosângela Venturi Barros nasceu em Muqui – ES, é jornalista pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, licenciada em Letras (Português/Literatura) pelo Centro Universitário São Camilo e especialista em Leitura e Produção de Texto pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas. Como repórter do jornal A Gazeta, atuou entre os anos de 1989 e 2009, produzindo dezenas de reportagens no Sul do Estado, para todas as editorias.

É membro fundadora da Associação de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial Cachoeirense e, desde 2002, membro colaboradora da Comissão Espírito Santense de Folclore. Em 2013 foi eleita para a Academia Cachoeirense de Letras – ACL. É autora dos livros *Palavra de Mestre*, que reúne perfis de 18 mestres da cultura popular em Cachoeiro, *O universo mágico das Folias de Reis*, *Caxambu: Tambores da Liberdade* e *Charola de São Sebastião – Compromisso de Fé no Santo Mártir Guerreiro*. É professora efetiva de Língua Portuguesa na rede estadual de ensino.

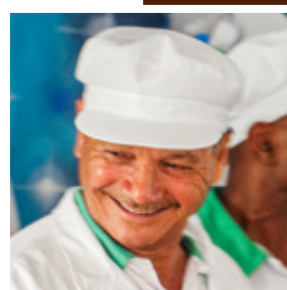


CHAROLA: QUE É?

É uma manifestação cultural, de cunho religioso, em devoção a São Sebastião. Assemelha-se à Folia de Reis nas vestimentas, na organização e na peregrinação. Sua jornada ocorre entre os dias 6 de janeiro (Dia dos Santos Reis) e 20 do mesmo mês, dia dedicado ao “Santo Mártir Guerreiro”. Já a Folia de Reis cumpre a peregrinação para anunciar o nascimento de Jesus entre os dias 24 de dezembro e 6 de janeiro. Outra diferença é que na Charola não há palhaços, e a jornada é cumprida no período diurno.



No começo eram apenas os foliões. As quatro dançarinas foram introduzidas há cerca de 44 anos.



“Fomos cantar em Anutiba e havia um grupo de moças estudantes que acompanhou o grupo. Foi numa festa. Gostamos da ideia”

Seu Izaías

Desde então há dançarinas no grupo, variando de quatro a cinco, sempre da família.

Há um único grupo em atividade no Espírito Santo. É a Charola de São Sebastião de Alto Paulista e Jacu, comunidades que pertencem ao distrito de Burarama, na zona rural de Cachoeiro de Itapemirim. Na região Sudeste há outras charolas em atividade em Minas Gerais.



Pâmela Carvalho da Silva
Dançarina



Emily Vitória de Paula
Dançarina



Marilza da Silva Martins
Bandeira

Charola

significa um andor em procissão. O ritual do grupo faz parte do catolicismo popular e reproduz uma espécie de procissão para exaltar as virtudes do santo, que teria sido martirizado por defender a sua fé cristã.

A Charola tem 16 componentes: mestre, contramestre, bandeireiro, foliões e as dançarinas, considerados “soldados” de São Sebastião.

Cada elemento desempenha uma função diferente.

Cabe ao mestre dirigir o grupo e conduzir as toadas por meio do apito.

O contramestre assume o lugar do mestre quando este, por alguma razão, é impedido de atuar.

O bandeireiro tem como função conduzir a bandeira à frente do cortejo.

Os foliões tocam instrumentos musicais, enquanto as dançarinas repetem passos coreografados no meio da roda.





A jornada começa sempre com uma prece ao santo de devoção, por volta do meio dia do dia 6 de janeiro, e termina também por volta do meio dia do dia 20 de janeiro. No encerramento da peregrinação é feita uma grande festa com a presença de muitos visitantes. O local é a Casa de Oração São Sebastião.

É uma ocasião aguardada com ansiedade por todos do grupo e também pelos frequentadores da Casa de Oração. Logo de manhã começam a chegar os grupos de jornaleiros, organizados em bate flechas de São Sebastião, enchendo o espaço de cores e sons. Quando um

grupo visitante chega, anuncia sua chegada com fogos de artifício. O secretário da casa vai recepcioná-lo no portão.

Esse é um momento solene, quando é feita a troca de bandeiras. Os grupos então seguem tocando seus instrumentos de sopro e batendo suas flechas para o cruzeiro localizado em frente da casa de oração. Em seguida entram no local sagrado para receberem a bênção. Encerrada a recepção a todos os grupos visitantes, a charola chega em jornada e adentra a casa de oração para fazer sua entrega aos pés do altar de São Sebastião.











Nesse momento os músicos vão deixando seus instrumentos no altar e, pouco a pouco, a banda vai reduzindo o volume do som até silenciar completamente. É um momento mágico e sagrado. Em seguida todos confraternizam num almoço comunitário oferecido aos jornaleros. No cardápio, comida caseira preparada com afeto e devoção.

As toadas cantadas durante a jornada abordam a vida, o sofrimento e os feitos heroicos do mártir. Mestres e foliões usam roupas multicoloridas. No acompanhamento musical há violão, viola, cavaquinho, bumbo, caixa, acordeão, triângulo e pandeiro. A bandeira, também multicolorida, ostenta adereços como fitas e imagens do santo.





COMEÇO

A história da única charola em atividade no Espírito Santo se confunde com a história dos irmãos Quirino e é permeada por um forte sentimento devocional e narrativas de episódios místicos. Segundo contam, há muitos anos existia um grupo em Alegre, cujo mestre era Edgar Capetine.

Os irmãos Quirino tiveram contato com o grupo em Anutiba, onde moravam, no interior de Alegre, município vizinho a Guaçuí, há pouco mais de 69 anos. No começo eram Adílio, então com sete anos, e Ismael, na faixa dos nove. Quando Capetine deixou Anutiba, segundo relatam, José Nicotti, o Zezinho Nicotti, assumiu a função de mestre do grupo que era folia e charola ao mesmo tempo. No ciclo natalino (de 24 de dezembro a 6 de janeiro) era folia de reis. Depois mudava a bandeira e prosseguia a jornada até 20 de janeiro, como charola.



Um folião do grupo comandado por Capetine teria feito uma promessa e pedido as cópias das músicas, o que contribuiu para o surgimento da charola em Anutiba. Os irmãos Adílio e Ismael acompanharam o grupo até se tornarem rapazes. “Seu” Adílio, hoje com 76 anos relembra que o irmão tornou-se mestre aos 18. O mais jovem, Izaías, hoje com 69, passou a contramestre.

“Seu” Adílio chegou a tocar a maioria dos instrumentos da charola. Com a morte do irmão Ismael, “aos 50 e poucos anos”, coube ao mais jovem, Izaías, assumir a função de mestre e a Adílio a de contramestre. Ele conta que a relação da família com a charola começou com a figura do pai Manoel Quirino da Silva, que atuava como contramestre em um grupo na região do Caparaó, pelo lado de Minas Gerais. O pai também compunha Folias de Reis.

Sob o comando dos irmãos Quirino, a Charola de São Sebastião existe há mais de 50 anos e continua em pleno vigor, movida pela devoção ao “santo mártir guerreiro”. A família mantém a fé e o compromisso com a tradição. Os filhos de Ismael, Gesiel e João Batista, atuam como sanfoneiros.



A FÉ

A Charola de São Sebastião reúne características do catolicismo popular e do esoterismo. Conforme explica o próprio mestre Izaías, está vinculada ao Círculo Esotérico que se aproxima do kardecismo. Os rituais envolvem a apresentação de bate flechas, cânticos e orações.





Na Casa de Oração, erguida na localidade de Jacu, pode-se constatar as referências do hibridismo religioso. No altar e em outros pontos do local há imagens de santos católicos como Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Conceição, São Jorge, São Pedro, a Sagrada Família e, claro, de São Sebastião.

O termo empregado pelos mestres para referenciar a religião que professam é esoterismo. “No esoterismo, a bebida é água e a vela só branca”, ensina mestre Izaías.





A casa de oração que funcionava em Alto Paulista foi transferida para Jacu, há doze anos. Mas as atividades em Alto Paulista, localidade de difícil acesso, ainda são realizadas regularmente.



SÃO SEBASTIÃO

A charola foi criada pelos três irmãos Quirino em devoção a São Sebastião com influência direta da mãe Luzia, que também era devota. Segundo contam, há muitas histórias de graças alcançadas. “O milagre está acontecendo no meio da gente”, diz em referência à construção da casa de oração em Jacu, local de mais fácil acesso do que em Alto Paulista.



OS MESTRES



“Seu” Adílio, 76 anos, foi trabalhador rural durante toda a vida. Atualmente está aposentado e mora com a esposa Erotildes em Cachoeiro de Itapemirim. O casal teve nove filhos, tendo perdido um ainda criança. São cinco homens e três mulheres. O caçula Alexander, de 40, já substitui o tio e mestre Izaías quando este não pode conduzir o grupo.

Dona Erotildes, 73 anos, conta que começou a namorar o marido aos 14 anos. Na charola ela toca triângulo e faz requinta (segunda voz). Em mais de 55 anos de casamento, só faltou à jornada anual quando o nascimento de dois dos nove filhos coincidiu com o período.



“Charola é muita coisa. Tem a parte religiosa. Tenho muito respeito porque recebi muitas bênçãos. Representa devoção para a minha família e também para quem recebe a gente na jornada”, diz Adílio. “A vida sem a charola seria muito triste”, emenda a companheira Erotildes que planeja cumprir as visitas jornalares ainda por muitos anos.







O mestre Izaías reside em Jacu. Conhecido pela oratória vibrante e precisão das palavras, é também quem comanda os trabalhos quinzenais na Casa de Oração. A exemplo do irmão Adílio, entrou para a charola aos sete anos. Aos 18 já era mestre. “Naquela época tinham acabado as folias”, lembra.



Ele também lamenta que a intolerância religiosa seja um obstáculo cada vez mais frequente à manutenção da tradição. “Mesmo dentro da comunidade há quem não aceite a charola. Para mim, evangélico é todo aquele que manuseia e vive os princípios do evangelho. Nós aceitamos quem vem orar com a gente. Mas outros não aceitam. Há pessoas que recebiam a charola antes e hoje não nos recebem mais em suas casas”, diz. Desde que iniciou as atividades no grupo, Izaías afastou-se apenas por um curto período de três anos, quando morou no Rio de Janeiro. Mas se sentiu chamado a retomar as funções e assim o fez.



FUTURO

A Charola de São Sebastião se mantém pelo compromisso de fé e devoção dos foliões. Mas mestre Adílio lamenta que hoje não seja tão bem recebida como antes. “Hoje muitas pessoas têm outra religião e não querem mais receber. Só vamos onde somos convidados a entrar”.

Mas se depender do interesse da nova geração da família, haverá visita jornal ar todos os anos. Há mais de um descendente preparado para assumir o comando do grupo, segundo afirma Adílio.



Izaías, contudo, manifesta preocupação com o futuro do grupo. “A charola mudou. As pessoas que acompanhavam já não acompanham mais. Antigamente havia mais tempo. Hoje as pessoas trabalham em outras atividades e não podem sair durante a semana”. Antes a jornada era cumprida sem interrupção. Agora não mais.





REFERÊNCIAS

BASTOS, Isabel Cristina de Almeida, HAUTEQUESTT FILHO, Genildo Coelho. **Cultura Popular: Narrativas de devoção por seus mestres.** Cachoeiro de Itapemirim, ES: Gracal Gráfica e Editora, 2011.

BARROS, Rosângela Venturi, HAUTEQUESTT FILHO, Genildo Coelho (Org). **Palavra de Mestre.** Cachoeiro de Itapemirim, ES: Gracal Gráfica e Editora, 2012.

BARROS, Rosângela Venturi, HAUTEQUESTT FILHO, Genildo Coelho (Org). **Charola de São Sebastião – Compromisso de fé no santo mártir guerreiro.** Cachoeiro de Itapemirim, ES: Gracal Gráfica e Editora, 2015. Mestres Izaías e Adílio, dona Erotildes.

VOLPATO, Luan Faitanin, HAUTEQUESTT FILHO, Genildo Coelho. **Fésta: fé e festa.** Cachoeiro de Itapemirim, ES: Gracal Gráfica e Editora, 2018.



Este impresso foi composto utilizando-se as famílias tipográficas Geller e URW DIN. Sua capa foi impressa em papel Supremo 250g/m2 e seu miolo em papel couché fosco 115g/m2, medindo 21x21cm, com uma tiragem de 500 exemplares. É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para qualquer fim comercial.

*Este livro foi produzido por
intermédio da
Lei Municipal de Incentivo à
Cultura “Lei Rubem Braga”.*



**PREFEITURA DE
CACHOEIRO**

Realização



*Aponte a câmara do celular
para este QR Code e conheça
melhor a Associação!*

